

ALEÇANDRO SANTANA GONÇALVES
SIMEI DE AMORIM SANTOS ANDRADE



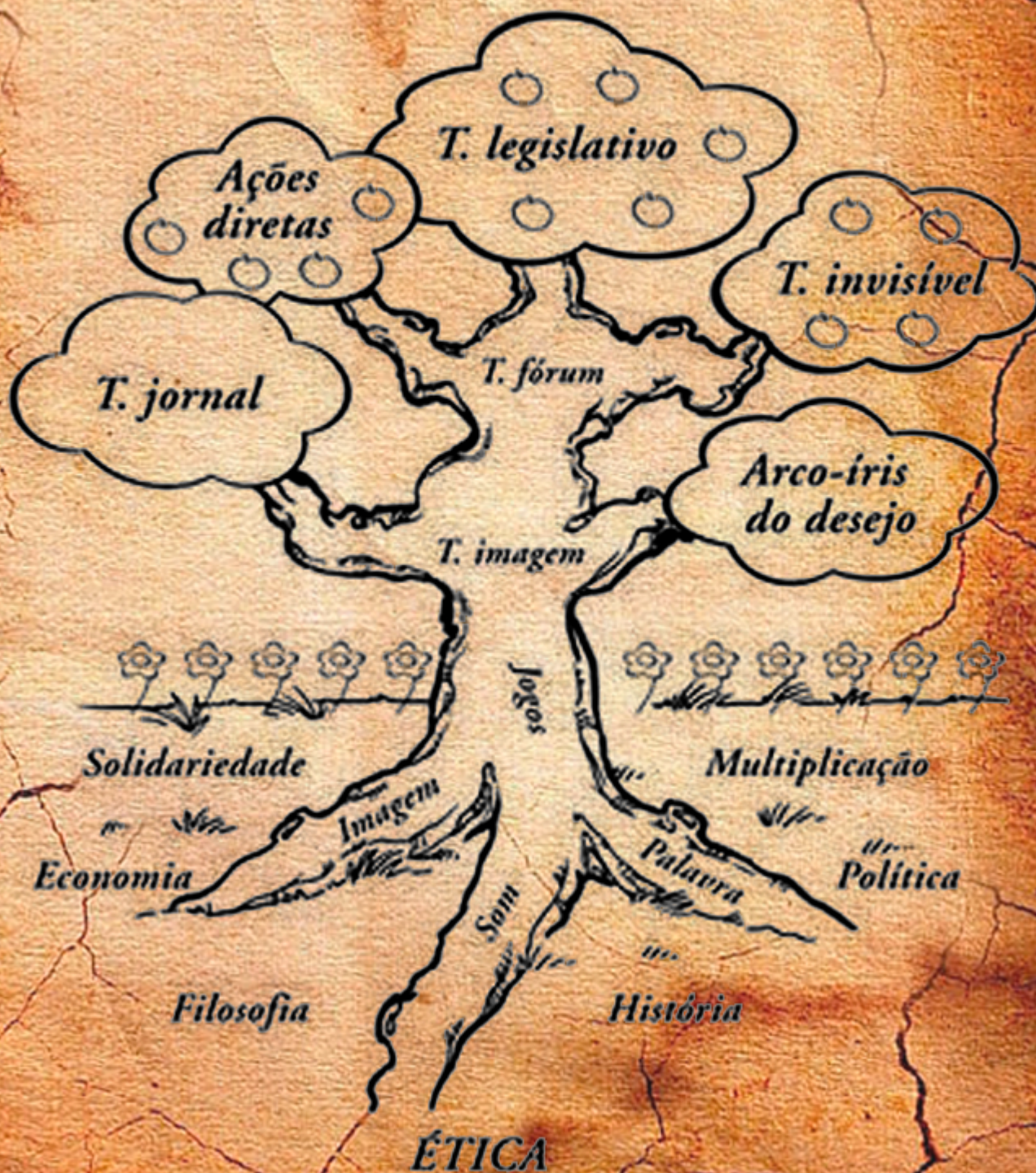
**TEATRO DO OPRIMIDO NA AMAZÔNIA MARAJOARA:
REFLEXÕES ACERCA DO TO NO PROCESSO
ENSINO - APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA
EMEF ALCIDES MONTEIRO EM PORTEL-PA**

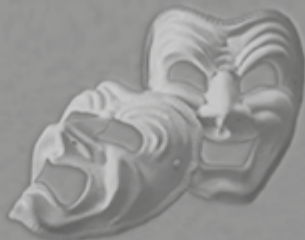
ALEÇANDRO SANTANA GONÇALVES
SIMEI DE AMORIM SANTOS ANDRADE



**TEATRO DO OPRIMIDO NA AMAZÔNIA MARAJOARA:
REFLEXÕES ACERCA DO TO NO PROCESSO
ENSINO - APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA
EMEF ALCIDES MONTEIRO EM PORTEL-PA**

ÁRVORE TEATRO DO OPRIMIDO





Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho
Reitor

Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva
Vice-Reitor

**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO –
PROPESP**

Profa. Dra. Maria Iracilda da Cunha Sampaio
Pró-Reitora

**PRÓ-REITORIA DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL – PROPLAN**

Cristina Kazumi Nakata Yoshino
Pró-Reitora

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO – PROEX

Prof. Dr. Nelson José de Souza Júnior
Pró-Reitor

PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO – PROEG

Profa. Dra. Loiane Prado Verbicaro
Pró-Reitora

**PRÓ-REITORIA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS –
PROINTER**

Prof. Dr. Edmar Tavares da Costa
Pró-Reitor

PRÓ-REITORIA DE ADMINISTRAÇÃO – PROAD

Raimundo da Costa Almeida

Pró-Reitor

**PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO DE
PESSOAL – PROGEP**

Ícaro Duarte Pastana
Pró-Reitor

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE – ICA

Profa. Dra. Isis de Melo Molinari Antunes
Diretora Geral

Profa. Dra. Adriana Valente Azulay
Diretor Adjunto

**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES EM REDE
NACIONAL-PROF-ARTES/UFPA**

Profa. Dra. Rosane Nascimento de Almeida
Coordenadora

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UFPA –
PPGARTES**

Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra
Coordenador

Profa. Dra. Giselle Guilhon Antunes Camargo
Vice-Coodenadora



EDITORA PPGARTES*

Profa. Dra. Maria dos Remédios de Brito

Profa. Dra. Ana Claudia do Amaral Leão

Coordenadoras Editoriais

Larissa Lima da Silva

Assistente Editorial

COMITÊ CIENTÍFICO

Profa. Dra. Maria dos Remédios de Brito

(presidente)

Profa. Dra. Ana Claudia Leão

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Ana Flávia Mendes

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Ana Mae Tavares Bastos Barbosa

(ECA, Universidade de São Paulo; Universidade Anhembi-Morumbi)

Prof. Dr. Áureo Deo de Freitas Júnior

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Giselle Guilhon Antunes Camargo

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Prof. Dr. José Carlos de Paiva

(FBA, Universidade do Porto)

Profa. Dra. Laura Malosetti Costa

(IA, Universidad Nacional San Martín)

Profa. Dra. Maria das Vitórias

Negreiros do Amaral

(CAC, Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Orlando Franco Maneschy

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Rejane Coutinho

(IA, Universidade Estadual Paulista)

Profa. Dra. Valzeli Figueira Sampaio

(ICA, Universidade Federal do Pará)

Profa. Dra. Cintia Vieira da Silva

(Universidade Federal de Ouro Preto)

Prof. Dr. Adrián Esteban Cangi

(Universidade Nacional de

Avellaneda da Argentina

e Universidade de Buenos Aires/Argentina)

Profa. Dra. Verônica Miranda Damasceno

(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

*A Editora do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA pratica a avaliação por pares (preferencialmente externos) e seu eixo editorial refere-se às linhas de pesquisa deste programa.

Designer Davi Almeida

Projeto Gráfico

Aleçandro Santana Gonçalves

Simeí de Amorim Santos Andrade

Preparação dos Originais

Aleçandro Santana Gonçalves

Produção Artística

Otávia Feio

Revisão do texto e Normalização Técnica

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem autorização expressa dos autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA

G635t

Gonçalves, Aleçandro Santana.

Teatro do oprimido na Amazônia marajoara [recurso eletrônico]: relexões acerca do TO no processo ensino - aprendizagem dos alunos da EMEF Alcides Monteiro em Portel-PA / Aleçandro Santana Gonçalves, Simeí de Amorim Santos Andrade. — Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF , 49 páginas). — Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2024.

Modo de Acesso: Internet

<http://ppgartes.propesp.ufpa.br/index.php/br/>

ISBN (e-book) 978-65-88455-91-3

1. Arte na educação – Pará. 2. Arte e sociedade. 3. Arte – Estudo e ensino. 4. Teatro. 5. Ensino Fundamental. 6. Amazônia. I. Andrade, Simeí de Amorim Santos. II. Título.

CDD 23. ed. – 370.118098115

Elaborado por Larissa Silva – CRB-2/1585



Sumário

8	Introdução
11	Objetivos
12	Percurso Metodológico
15	Teatro do Oprimido na Escola Alcides Monteiro
19	AS OFICINAS DO TO
20	ETAPA 1
	A descoberta
26	ETAPA 2
	Meu Eu Artista
38	As apresentações
42	TEATRO DO OPRIMIDO: O Despertar da Resistência
44	Considerações Finais
45	Referências



Introdução

E-book TEATRO DO OPRIMIDO NA AMAZÔNIA MARAJOARA: REFLEXÕES ACERCA DO TO NO PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DA EMEF ALCIDES MONTEIRO EM PORTEL-PA é o resultado do projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional-UFGA, este tem como fundamento as minhas experiências em sala de aula como professor do componente curricular Arte na rede pública municipal do município de Portel-PA, no Arquipélago do Marajó. Sou formado em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Pará, Plano de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) e, em 2019, fui lotado para trabalhar com a disciplina Arte, e por meio dela refleti sobre as culturas locais, como estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 9.394/1996, artigo 26, inciso 2º, que destaca que “o ensino de arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Nessa linha de pensamento, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC estabelece como uma de suas competências específicas para o ensino da Arte no Ensino Fundamental:

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, [...] em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades (Brasil, 2018, p. 198).

Observa-se que, tanto a LDB quanto a BNCC, por meio dos seus incisos, se correlacionam, exigindo que o ensino de Arte, por meio de qualquer linguagem artística, seja desenvolvido observando o contexto social e cultural dos alunos. Desta forma, a arte é importante para a Educação Básica, visto que dialoga com o processo histórico, político, social, cultural e educativo do aluno, possibilitando a sensibilização e, posteriormente, a conscientização das questões que envolvem suas vivências no mundo. Neste sentido, Freire (1987) assevera:

Os homens [...], ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com o mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica (Freire, 1987, p. 51).

Assim sendo, a existência do ser humano, segundo Freire (1987), passa pelo filtro da consciência. Evidentemente, a arte possui nesse processo sua significância, posto que ela por vezes é o elo entre o homem e sua consciência. Por isso, nesta pesquisa voltei minha atenção para a linguagem das Artes Cênicas, particularmente para o Teatro do Oprimido – TO e suas metodologias desenvolvidas por Augusto Boal. A opção pelas metodologias do TO se dá por ter uma centralidade e foco diretamente ligado aos princípios da educação crítica, que direcionam o sujeito a ter atitudes políticas e lutar por direitos, democracia, cidadania e também por uma liberdade que possibilite refletir sobre a sua condição humana e de ser social integrado a uma comunidade. Como bem afirma o autor, ao considerar que “era o que nos parecia justo e inadiável: exortar os oprimidos a lutar contra a opressão” (Boal, 1996, p. 17). Neste sentido, a educação constitui um caminho por excelência para se pensar acerca da liberdade. Desta forma, é com base nessas reflexões que a questão norteadora se estabelece no contexto desta investigação: quais os efeitos que o Teatro do Oprimido, de Boal, causa nos alunos e de que forma essa prática teatral é assimilada pelos estudantes da Escola Municipal Alcides Monteiro, em Portel-PA, na região da Amazônia Marajoara?

Para compreender os caminhos da pesquisa a partir da questão norteadora, se fez necessário um olhar mais aguçado sobre o que me instigou, de fato, a realizar essa investigação, destaco duas situações que possibilitaram traçar caminhos e reflexões acerca do nosso objeto de pesquisa, o Teatro do Oprimido. A primeira foi o fato de me deparar com a realidade pedagógica que envolvia a prática dos professores de Arte, me intrigava perceber a dificuldade que os professores do componente Arte possuíam para desenvolver atividades, na prática, que explorassem os muitos e valiosos elementos do teatro, os nobres companheiros muitas vezes se apoiavam em um texto, um vídeo e isso bastava. Essa observação remete ao que Paulo Freire chamava de educação bancária, que mantém uma prática alinhada aos moldes da alienação, enchendo os alunos de conteúdo. Nessa continuidade, destaca o autor que “a sociedade revolucionária que mantenha a prática da educação “bancária” ou se equivocou nesta manutenção ou se deixou “morder” pela desconfiança e pela descrença



nos homens” (Freire, 1987, p. 35), não possibilitando a reflexão e nem o questionamento sobre suas realidades, e contribuindo para a formação de sujeitos passivos ou, de certa forma, até contribuir com o analfabetismo funcional. Complementa Boal (2016, p. 17) que o “analfabetismo é usado pelas classes dominantes, clãs e castas como arma severa de isolamento, repressão, opressão e exploração.”

A segunda observação concerne aos relatos dos alunos no contexto escolar. Em quase todas as aulas eles me relatavam experiências vividas no cotidiano familiar, na rua ou bairro. Esses relatos eram sempre carregados de muitos elementos, que segundo Boal (1991) e Freire (1987), se caracterizam como opressores, desta forma, com essas questões instigando, tive em vista aprofundar e fazer um alinhamento entre elas, para tanto, me respaldo nas técnicas do Teatro do Oprimido, e o desenvolvimento das atividades em sala de aula.

Sobre esse aspecto, a opressão pela qual passam e sofrem os alunos, também aflige os docentes, portanto, me tocou a tal ponto que me fez buscar maneiras de trabalhar a temática a partir daquilo que eles traziam do seu convívio social. No papel de professor do componente curricular Arte, almejo mudanças de comportamento, de ideias, de visões e de sonhos dos alunos com quem desenvolvo o trabalho educativo. Nesse caminhar, Freire discorre que o professor pode contribuir nesse processo ao:

Ajudar na elaboração do sonho de mudança do mundo como na sua concretização, de forma sistemática ou assistemática, na escola como professor de matemática, de biologia, de história, de filosofia, de problemas da linguagem, não importa de quê, em casa, como pai ou como mãe, em nosso trato permanente com filhos e filhas, em nossas relações como auxiliares que conosco trabalham, é tarefa de mulheres e homens progressistas, de homens e mulheres que não apenas falam de democracia mas a vivem, procurando fazê-la cada vez melhor (Freire, 2000, p. 45).





Objetivos

Os objetivos deste E-book foram: disponibilizar à comunidade científica, acadêmica e escolar, um material didático-pedagógico que pudesse auxiliar na compreensão do Teatro do Oprimido e, também, ser utilizado como recurso pedagógico nos ambientes formais e não formais na prática deste fazer artístico.



Percurso Metodológico

Portel é um dos municípios que compõem o Arquipélago do Marajó, localizado especificamente na região das Ilhas. Possui uma população de 62.445 pessoas, registrada no último censo de 2022 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022), e um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal - IDHM baixíssimo de 0,483 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010). Em relação ao Índice de Desenvolvimento da Educação Básica - IDEB, também apresenta um baixo rendimento, sendo que nas séries iniciais a pontuação é 3,2 e nas séries finais do ensino fundamental registrou 2,8, resultado de 2022 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023). Portanto, com base nesses índices,



percebe-se que grandes são os problemas enfrentados pelo município de Portel-PA, com destaque para os educacionais.

É nesse município da região do Marajó que está localizado o lócus da investigação, a EMEF Alcides Monteiro (Imagem 1), inaugurada no dia 04 de março de 2000, o nome da instituição faz menção honrosa ao portelense Alcides Monteiro Evangelista, que nasceu aos 19 dias do mês de agosto de 1939. Foi vereador, presidente da Câmara Municipal de Portel, trabalhou na Companhia Amazonas Madeiras e Laminados - AMACOL, e foi um dos mais brilhantes desportistas da história do município.



Localiza-se na rua 22 de Setembro, S/N, no bairro da Cidade Nova, área com grande índice de problemas sociais, como mostra a pesquisa feita em 2017 pela própria escola, com o objetivo de fazer um levantamento socioeconômico do bairro, a fim de estruturar o Projeto Político Pedagógico - PPP da escola, se lançou a analisar por meio de um questionário a situação da comunidade no entorno da escola.

Temas como saúde, saneamento básico, desemprego, renda familiar, benefícios do governo, entre outros, foram fundamentais para um diagnóstico que mostra a situação de



baixo poder aquisitivo dos moradores e, conseqüentemente, problemas sociais de diversas ordens que afetam a comunidade, sobretudo nas áreas da saúde, educação, habitação, alimentação, saneamento e infraestrutura.

Destacamos que o PPP da escola norteia suas ações cotidianas. Tem como princípios basilares:

O amor; a confiança; a cooperação; a fé; a fraternidade; a gratidão; a justiça; o respeito; a solidariedade; a responsabilidade; o saber; o perdão; a paz; a ética e a honestidade, estes estruturam e sustentam os pilares educacionais da instituição (Projeto Político Pedagógico, p. 25).

Pauta-se nos princípios da pedagogia popular de Paulo Freire. A pesquisa foi desenvolvida por meio da abordagem qualitativa, esta forma de estudo “é uma das várias possibilidades de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas relações sociais” (Godoy, 1995, p. 21), desta forma, a pesquisa desenvolvida abarca fenômenos sociais, cotidiano dos alunos. Sendo assim, essa modalidade de estudo corrobora com o desdobramento da investigação, visto que na pesquisa qualitativa:

[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (Godoy, 1995, p. 21).

No contexto da abordagem qualitativa, focamos na pesquisa-ação, que se caracteriza por ser:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1997, *apud* Krafta *et al.*, 2007, p. 1).

Krafta *et al.* (2007) afirmam ser uma condução de pesquisa aplicada, orientada para elaboração de diagnósticos, identificação de problemas e busca de soluções. Encontrei nesta estrutura alicerce para firmar o objeto da pesquisa, visto não bastarem apenas conhecimentos teóricos, mas também era preciso entrar e vivenciar com os alunos a pesquisa, de forma que juntos encontrássemos um diagnóstico e, também, possíveis soluções para os problemas.

Para a realização da pesquisa, trabalhamos os instrumentos metodológicos de observações, oficinas, registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas.





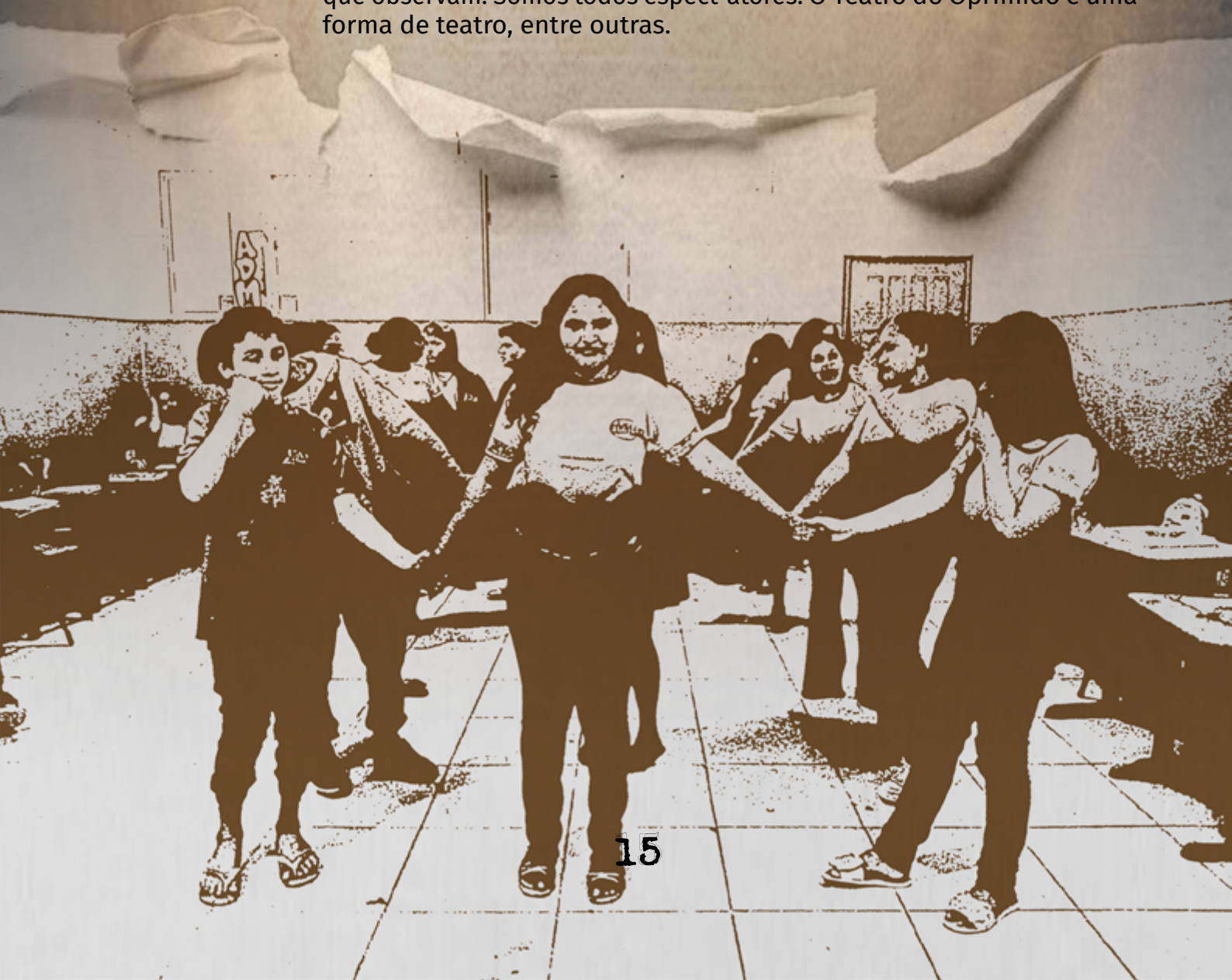
Teatro do Oprimido na Escola Alcides Monteiro

A partir das aulas teóricas ministradas sobre as técnicas do TO, e também após os trabalhos de pesquisa em grupo relacionados ao método, os alunos escolheram as técnicas do Teatro-Fórum e Teatro-Imagem, para os exercícios nas oficinas.

MÉTODO DE AUGUSTO BOAL

O Teatro do Oprimido é uma prática que está enraizada na linguagem das Artes Cênicas. Neste sentido, é pertinente que se busque conhecer o processo histórico e as metodologias dessa prática, sendo assim, Boal (2008, p. 9) assevera que:

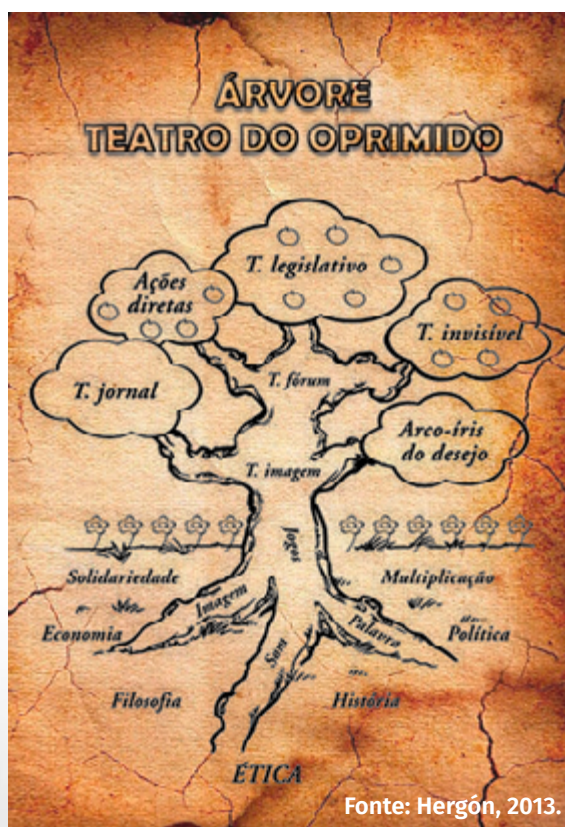
O Teatro do Oprimido é teatro na acepção mais arcaica da palavra: todos os seres humanos são atores, porque agem, e espectadores, porque observam. Somos todos espect-atores. O Teatro do Oprimido é uma forma de teatro, entre outras.



Mais do que estética e entretenimento, o Teatro de Boal possui uma estrutura de cunho social e político, levando muitas vezes os sujeitos a uma mudança de comportamento perante o meio, visto que as cenas são construídas a partir de vivências experimentadas pelos participantes. A esse respeito, Oliveira e Cunha (2016) discorrem que:

O Teatro do Oprimido possui seis modalidades: o Teatro Jornal, o Teatro Invisível, o Teatro Fórum, o Teatro Imagem, o Teatro Legislativo e o Arco-Íris do Desejo. A modalidade mais conhecida e praticada é o Teatro-Fórum. A peça de Teatro-Fórum surge a partir de uma opressão compartilhada por um grupo, ou por analogia, ou por identidade. Ao longo de um processo que engloba jogos e exercícios sistematizados para o Teatro do Oprimido, a percepção social dos participantes é aprimorada e, por vezes, reconstruída. O grupo se encontra e percebe uma opressão partilhada coletivamente, ou se une para discutir uma opressão específica. O trabalho criado é baseado na construção de uma cena-fórum, onde o tema escolhido pelo grupo será exposto e discutido (Oliveira; Cunha, 2016, p. 71 *apud* Silva; Santos, 2016, p. 4).

Os autores apresentam as técnicas que compõem a árvore do Teatro do Oprimido. Boal de forma muito didática criou uma representação imagética para facilitar a compreensão do que chamou de Estética do Oprimido, como observado a seguir:



A árvore do TO mostra a grande e vasta possibilidade que esse método possui enquanto elemento, ou estrutura de luta social pela libertação. Tudo na árvore, desde as



raízes até as folhas, possui sentido ético, moral, filosófico, histórico, político e, principalmente, estimula o sujeito a uma busca de uma consciência mais crítica. Para Silva, Silva e Nascimento (2014), cada estrutura da árvore faz ligação com a história de vida e de luta de Boal. Os autores destacam que:

Cada ramo da árvore do Teatro do Oprimido corresponde a uma técnica desenvolvida num período específico da vida de Boal, para suplantarem limitações e tornar possível a transformação. Os jogos e exercícios de ativação sensorial e desmecanização do corpo, o teatro-imagem, o teatro-jornal, o teatro invisível, o arco-íris do desejo, o teatro-fórum e o teatro legislativo são parte do tronco e dos ramos desta árvore e cada um serve funções concretas (Silva; Silva; Nascimento, 2014, p. 134).

Desta forma, Augusto Boal, a partir de reflexões e pesquisas, apresentou e materializou suas ideias por meio desse método difundido, aplicado e bastante estudado no mundo inteiro. Sobre as técnicas do TO, Boal (2008) explica que:

Numa sessão de Teatro-Fórum, ninguém pode permanecer espectador no mau sentido dessa palavra. Mesmo que queira. Mesmo que se afaste, que fique só olhando, de longe. No Teatro-Fórum, todos os espectadores sabem que podem parar o espetáculo no momento que desejarem. Que podem gritar “para!” e, democraticamente, dar sua opinião, teatralmente em cena. (Boal, 2008, p. 343).

O Teatro-Imagem, de Boal, é uma forma revolucionária de expressão artística que nos leva a refletir sobre a sociedade e suas questões mais profundas através de imagens impactantes e provocativas. Sua abordagem inovadora nos faz enxergar a realidade de uma forma mais visceral e sem filtros, confrontando-nos com as injustiças e desigualdades do mundo em que vivemos. Uma experiência teatral transformadora que nos convida a repensar nossas próprias crenças e valores. Boal (2008, p. 5) diz que o objetivo do Teatro-Imagem é:

[...] ajudar os participantes a pensar com imagens a debater um problema sem o uso da palavra, usando apenas seus próprios corpos (posições corporais, expressões fisionômicas, distâncias e proximidades etc.) e objetos.

A imagem a seguir é resultado da técnica do Teatro-Imagem, os alunos na cena, por meio de uma fotografia, estão apresentando a realidade deles, um velório de um jovem que veio a óbito depois de ser vítima da violência policial.



Imagem 2 – Técnica Teatro-Imagem.



Fonte: Arquivo do autor, 2023.

Certamente, essas técnicas escolhidas pelos alunos são as que mais caracterizam a turma, pois são adolescentes que no diálogo trazem referências do cotidiano por meio do debate e também de notícias que se apresentam nos noticiários locais - rádios e TVs. Portanto, essas técnicas possuem fundamental importância no desenvolvimento da pesquisa e também no desenvolvimento das oficinas, haja vista que estão no dia a dia dos estudantes.

O projeto foi executado em 2023, com os alunos da EMEF Alcides Monteiro em Portel-PA. Assim sendo, se trabalhou com uma turma de 20 alunos, sendo estes do oitavo e nono ano do Ensino Fundamental.





AS OFICINAS DO TO





ETAPA 1

A descoberta

PRIMEIRO MOMENTO: APRESENTAÇÃO DO TO

No primeiro momento foi apresentado o tema por meio de uma aula expositiva, com o objetivo de despertar o interesse dos alunos, visto que, até então, nenhum deles havia ouvido falar dessa prática teatral, nem do poder que ela exerce sobre as pessoas. É neste momento que surgem alguns questionamentos, cadê o direito à cultura? Às artes? A uma educação de qualidade que permita o aluno ter uma leitura de mundo mais aprofundada? Que possibilita ao aluno fazer questionamentos? Isso remete ao pensamento de Shor (1986, p. 24), que diz que “os estudantes são formados para ser operários ou profissionais liberais”, ou seja, não há interesse por parte dos opressores em colocar uma educação que torne os estudantes pessoas questionadoras.



O autor ainda afirma que “esses currículos falsamente neutros formam os estudantes para observar as coisas sem julgá-las, ou para ver o mundo do ponto de vista do consenso oficial, para executar ordens sem questioná-las” (Shor, 1986, p. 24). Quem oprime, multiplica ideias que alienam, que obscurecem a realidade para que seus interesses sejam sempre preservados, e aqueles que tentam desmistificar, desmentir a reprodução dessa ideologia do sistema opressor, nadam contra a corrente, como bem diz Freire (1986, p. 50), “aqueles que desmistificam a tarefa de reprodução estão nadando contra a corrente!” Sendo assim, não é tarefa fácil para um educador desmistificar e quebrar paradigmas que já estão petrificados no dia a dia escolar. Contudo, apresentar este tema, essa prática artística, para os alunos nesse primeiro momento foi ao mesmo tempo desafiador, mas também prazeroso, posto que foi possível perceber a dedicação de uma boa parte da turma em querer não somente conhecimento, mas ser político. Freire (1986, p. 25) diz que “a educação além de um ato de conhecimento, é também um ato político”.

SEGUNDO MOMENTO: PESQUISA EM GRUPO

No segundo momento foi colocado, como forma avaliativa, um trabalho de pesquisa em grupo, no qual dividiu-se os alunos em seis grupos e cada grupo ficou com a responsabilidade de investigar uma técnica do TO, sendo assim, ficou dividido de acordo com o quadro abaixo:

Quadro 1 – Grupos de Trabalho.

ORDEM DE APRESENTAÇÃO	GRUPO	TÉCNICA DO TO
1º	A	TEATRO-IMAGEM
2º	B	TEATRO-FÓRUM
3º	C	TEATRO JORNAL
4º	D	TEATRO LEGISLATIVO
5º	E	TEATRO INVISÍVEL
6º	F	ARCO-ÍRIS DO DESEJO

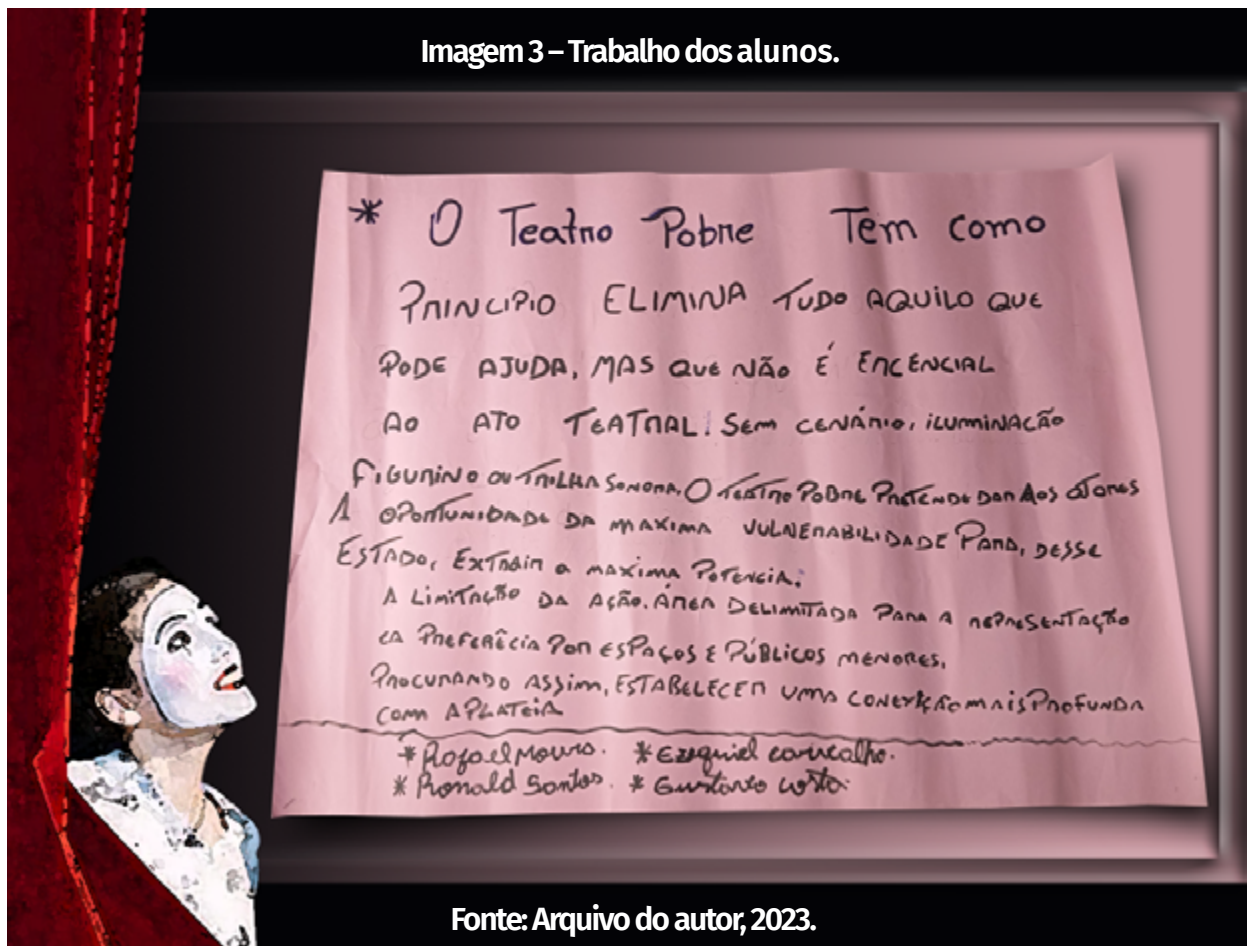
Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Após a pesquisa em grupo, foi realizada uma roda de conversa onde os alunos expuseram todo conhecimento adquirido com relação às técnicas investigadas e também debateram assuntos fundamentais do cotidiano, consequência das reflexões exploradas durante seus estudos. Destaco aqui que o diálogo com os alunos nesse momento foi fundamental, visto que:



Os métodos da educação dialógica nos trazem à intimidade da sociedade, a razão de ser de cada objeto de estudo. Através do diálogo crítico sobre um texto ou um momento da sociedade, tentamos penetrá-lo, desvendá-lo, ver as razões pelas quais ele é e como é o contexto político e histórico em que se insere (Freire, 1986, p. 24).

É nessa perspectiva de penetrar nos conteúdos sociais, políticos e históricos do dia a dia, que cada grupo apresentou o seu trabalho, alguns por meio de cartazes e outros por meio de slides. Desta forma, “podemos aprender a ser livres, estudando nossa falta de liberdade” (Shor, 1986, p. 25).



É importante destacar que as técnicas de Teatro-Fórum e de Teatro-Imagem foram as mais comentadas pelos alunos, foram essas as que mais chamaram a atenção dos estudantes. Assim, foi apresentado aos alunos as técnicas do TO de Augusto Boal, com o intuito de instigá-los e proporcionar também novos conhecimentos, assim sendo, deixou-se aberto para que os alunos decidissem qual técnica usaríamos na execução das oficinas que fariam parte da segunda etapa do projeto.

A partir do que foi observado e estudado com os alunos durante as aulas, os alunos livremente escolheram duas técnicas que foram as mais discutidas no ambiente escolar, e as que mais envolveram os alunos, primeiro, a técnica do Teatro-Fórum, os alunos se identificaram bastante, a mesma abre possibilidades de debates. Para Boal (2008, p. 29), “o Teatro-Fórum não é teatro-propaganda, não é o velho teatro didático; ao contrário, é pedagógico, no sentido de que todos aprendemos juntos, atores e plateia”. Por certo, esta técnica chama atenção pelo fato de envolver todos em um estudo do cotidiano, bem como afirma Boal (2008, p. 29), “o Teatro-Fórum se aplica ao estudo de situações sociais bem claras e definidas”. Deste modo, a técnica do Teatro-Fórum possui uma estrutura com regras a ser seguida, como nos mostra Boal no seu livro Jogos para atores e não-atores, diz o autor:

O Teatro-Fórum é um tipo de luta ou jogo, e, como tal, tem suas regras. Elas podem ser modificadas, mas sempre existirão, para que todos participem e uma discussão profunda e fecunda possa nascer. Devemos evitar o fórum selvagem, em que cada um faz o que quer e substitui quem bem entende. (Boal, 2008, p. 28).

Com isso, percebe-se que as regras nessa prática teatral são fundamentais e, seguindo as orientações de Boal (2008) e respeitando as histórias de vida dos educandos, há possibilidades reais dos resultados serem significativos para a comunidade escolar.

A outra técnica que foi discutida e escolhida pelos alunos foi a do Teatro-Imagem, Boal (2008) também diz que o Teatro- Imagem se constitui por uma série de técnicas construída por ele mesmo nos primeiros trabalhos que fez com os povos indígenas. Esta tem como foco transformar questões problemas em imagem e busca entender os fatos por meio das imagens, e para isso é preciso compreender alguns princípios que o próprio Boal nos mostra, ele diz: “para que se entenda e se possam praticar as técnicas do Teatro-Imagem, é necessário ter em mente um dos princípios básicos do Teatro do Oprimido: “A imagem do real é real enquanto imagem”” (Boal, 2008, p. 233). Neste método, a imagem precisa ser vibrante, que mexa com a essência do ser que participa ou assiste, como ele mesmo fala, “uma imagem, não requer ser entendida, e sim sentida” (Boal, 2008, p. 233), ou seja, é preciso trazer por meio da imagem a realidade vivenciada pelo sujeito, por isso os alunos se comunicaram tão bem com essas técnicas, visto que, apesar da timidez, os estudantes quando concentrados conseguiam formular imagens, e também debater, dialogar entre si sobre a proposta.



TERCEIRO MOMENTO: LEVANTAMENTO DE PROBLEMÁTICAS

Neste terceiro momento foi aplicado um questionário individual, no qual os alunos, por meio de algumas perguntas, deveriam escrever e apresentar seus pontos de vista acerca de alguns temas. No questionário havia temas como desigualdade social, problemas do bairro, opressão, problemas que afetam a saúde, a cidade e o país. Obtivemos resultados significativos, apesar de perceber que nem todos conseguiram realizar completamente a atividade. Destaco aqui o trecho da aluna Izabela do Nascimento Souza, que escreveu: “Os problemas são muitos, pois há muitos deles aqui na rua, sendo eles: muitos buracos nas ruas, lama, lixo na beira das ruas, muitos matos, pois, ninguém limpa. O carro do lixo demora muito para passar, a luz nos postes não presta, muita escuridão e isso prejudica muito a falta de segurança para as crianças, idosos e adultos, isso é muito ruim” (Pesquisa de Campo, 2023). As questões levantadas por Izabela mostram toda a sua indignação com aquilo que lhe é de direito, mas que o Estado não garante sua execução, omite sua responsabilidade com o bem-estar da população.

Os dados levantados escancaram as questões sociais que afetam a vida dos educandos e são pertinentes para serem abordadas nos métodos do TO. Neste sentido, relacionando-as com os estudos de Boal (2005), podemos dizer que tais questões podem ser abordadas no Teatro-Fórum, que se constitui um grande aliado no processo de conscientização de um determinado grupo social. Para o autor, este tipo de teatro:

A descoberta [...] consiste na montagem e apresentação de uma peça teatral baseada nos problemas vivenciados pelos participantes e levada à discussão pública. A plateia participa diretamente da cena, substituindo a personagem oprimida e propondo alternativas de ação. A intervenção caminha no sentido de desenvolver um aprendizado coletivo e construir o teatro como instrumento de participação e transformação social (Boal, 2005 *apud* Silva; Silva; Nascimento, 2014, p. 135).

Imagem 4 – Oficina.



Fonte: Arquivo do autor, 2023.

O cotidiano dos alunos pode ser o pano de fundo para uma pesquisa consistente e reflexiva, no que diz respeito à técnica do Teatro-Fórum e do Teatro-Imagem, focando no dia a dia dos alunos.



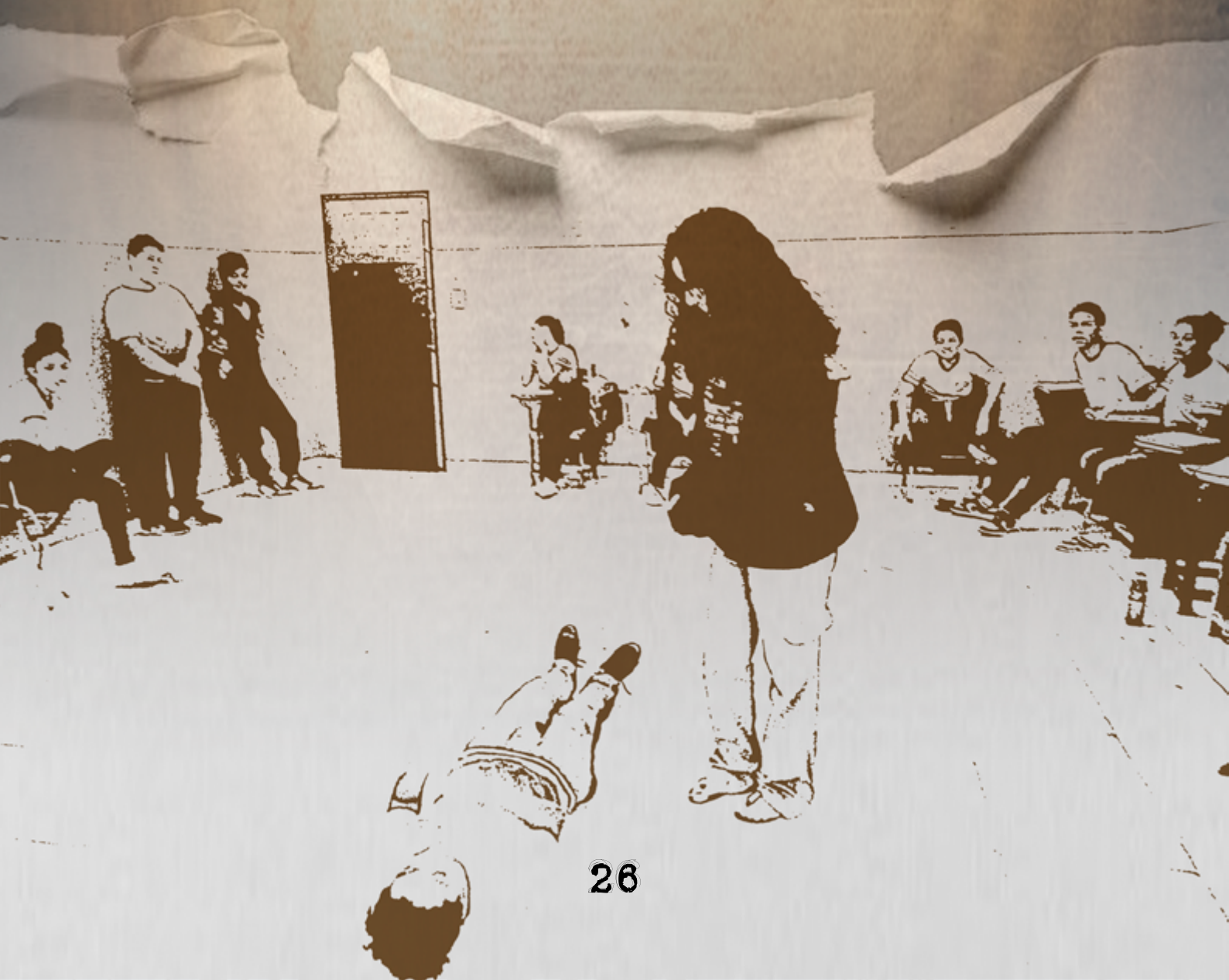


ETAPA 2

Meu Eu Artista

Gostaria de destacar o título que identifica esta etapa, ele surge da experiência de um aluno, Rafael do Nascimento Moura. Durante as oficinas, este falou de forma bem descontraída que o teatro despertava o “eu artista” dele, e os demais alunos gostaram, se tornando um bordão em nossos momentos. Quando estávamos reunidos, eles diziam: “hora de trabalhar meu eu artista!” Deste modo, essa subseção denomina-se “Meu eu artista”.

As oficinas de metodologias do Teatro do Oprimido foram aceitas com tranquilidade pelos alunos, mesmo sem terem participado de nenhuma atividade teatral voltada para o TO. Na verdade, os estudantes nunca tiveram aulas



práticas de teatro. Assim, o momento foi leve, descontraído e solto, apesar da timidez dos alunos. A maioria dos jogos teatrais foi extraída do livro *Jogos para atores e não-atores*, de Augusto Boal, e apresentada durante as aulas da disciplina Arte às sextas-feiras.

Percebeu-se que os alunos, no primeiro contato com o Teatro do Oprimido, apresentaram uma pequena dificuldade para a realização das oficinas. Foi observado que os estudantes apresentaram timidez e vergonha de se colocar em público. Para quebrar esse momento desconfortável para os alunos, propus alguns jogos, a partir dos estudos de Boal. Sobre essa questão dos jogos, o autor destaca a importância de nunca começar as atividades com jogos violentos, diz ele: “Aconselho mesmo que, antes de iniciar uma sessão, os atores façam o espreguiçar em pé, que é isso mesmo: devem fazer os movimentos naturais de se espreguiçar na cama ao acordar, só que em pé” (Boal, 2008, p. 90). Este aconselhamento é importante para possibilitar o equilíbrio do grupo, sendo assim, foram realizados jogos leves, possibilitando ao aluno um olhar do outro e também de si, como diz Boal (1996, p. 27): “Ao ver-se, percebe o que é, descobre o que não é, e imagina o que pode vir a ser. Percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir”. Para isso, utilizou-se durante duas aulas os jogos de aquecimento e alongamentos, bem como os jogos de sentido.

JOGOS DE ALONGAMENTO E AQUECIMENTO

O aquecimento e o alongamento, como parte da prática, são fundamentais, visto que eles preparam o corpo para as atividades que serão propostas, eles também ajudam na circulação sanguínea e previnem contra supostas lesões, fazendo uma relação com as práticas de Boal (1982, p. 58), ele dizia que: “a morte endurece todo o corpo começando pelas articulações.”, ou seja, para o teatrólogo era fundamental preparar o corpo para enfrentar os exercícios teatrais, ele ainda diz:

[...] são bons todos os exercícios que dividem o corpo nas suas partes, nos seus músculos, e aqueles em que se ganha controle cerebral sobre cada músculo e cada parte, tarso, metatarso, e dedos, cabeça, tórax, pelve, pernas, braços, face esquerda e direita, etc. (Boal, 1982, p. 58).

A imagem a seguir faz parte dos exercícios de jogos extrovertidos tirados do livro *Jogos para atores e não-atores* (2008), de Augusto Boal. O jogo consiste em trabalhar a criatividade do ator, e ao mesmo tempo serve como alongamento e aquecimento. Na cena os alunos precisam construir um personagem sem que os outros saibam ou descubram o que foi construído, em meio aos personagens tem um que é o “assassino”, ele sai matando os outros personagens com um gesto minucioso, Boal (2008, p. 220) diz que “esse exercício é ótimo para ativar a percepção do ator.”



Imagem 5 – Aquecimento.



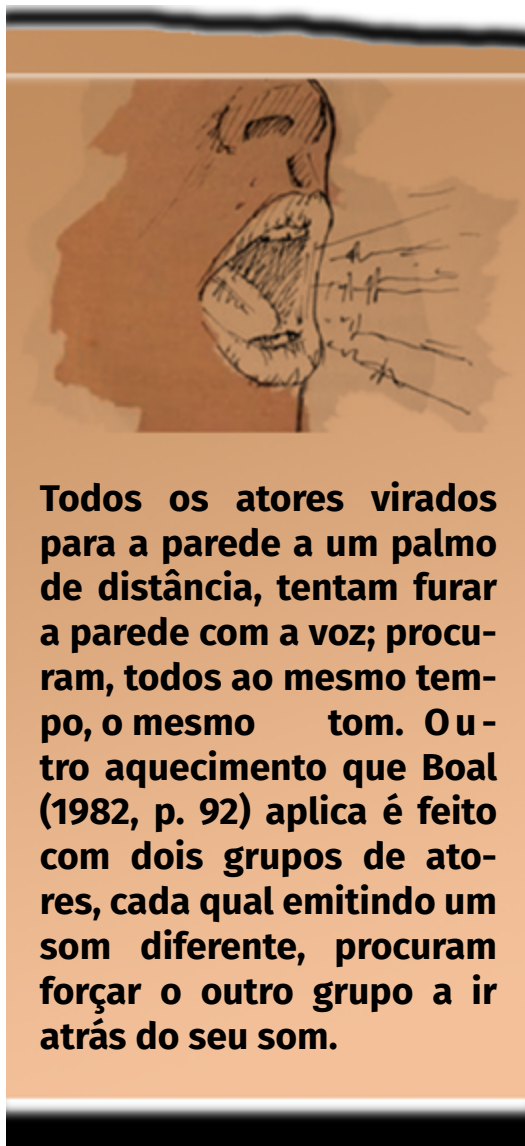
Fonte: Aleçandro Gonçalves, 2023.

Desta forma, sempre se buscava, antes de qualquer atividade física, fazer os alongamentos e aquecimento para preparar os corpos dos estudantes, de forma que experimentassem com mais assiduidade os exercícios do T.O. Será descrito aqui alguns dos jogos utilizados na prática: alongamento de pescoço (incline a cabeça para os lados, para frente e para trás, segurando cada posição por cinco segundos com as mãos); alongamento de ombros (puxe para frente do corpo um dos braços, segurando na posição por alguns segundos, repetindo o movimento com o outro braço); alongamento de tríceps (levante um braço e dobre o cotovelo, levando a mão até o meio das costas, e segure com o outro braço); repetição com o outro lado; alongamento de pernas (sentado no chão, estenda as pernas a sua frente e tente tocar os dedos dos pés com as mãos, manter a posição por alguns segundos).



Aquecimento vocal

O aquecimento vocal aconteceu com jogos retirados do livro 200 Exercícios e jogos para o ator e o não-ator, de Augusto Boal (1982), assim sendo, apresento alguns dos jogos utilizados nessa oficina:



Além deste, foram usados também outros jogos que não fazem parte das técnicas do TO, mas serviram como indutores para aquecer o corpo e para fortalecer a integração dos alunos. Por exemplo, foi aplicado o jogo conhecido como Coelho sai da toca.



COELHO SAI DA TOCA

Consiste em dividir os alunos em trios, de maneira que pelo menos um aluno fique de fora (sem grupo). Já nos trios, um aluno será o coelho e os outros darão as mãos e ficarão com os braços esticados formando uma toca. Depois de formada a toca, o aluno que representará o coelhinho deverá ficar abaixado dentro e embaixo da toca formada pelos amigos do trio. Todos os trios de alunos devem fazer a mesma formação. Feito isso, as tocas com os coelhos agachados dentro deverão ser dispostas em roda, e o aluno ou aluna que estava sem grupo, que também será coelho, deverá ficar no centro dessa roda. Quando todos estiverem em seus lugares, o(a) educador(a) deverá falar: “Coelho sai da toca”. E imediatamente os coelhos que estão agachados dentro da toca deverão sair de sua toca atual e tentar entrar em outra toca, ao mesmo tempo que os coelhos sem toca também deverão escolher uma toca para entrar. Quem ficar sem toca, deverá se posicionar no centro da roda e esperar pelo próximo sinal, ou seja, pela próxima fala do(a) educador(a) – “Coelho sai da toca” – e então escolher uma toca para entrar.



Com esses jogos, podíamos aquecer a voz e o corpo, foram momentos importantes para o desenvolvimento pessoal e artístico dos alunos, pois eles desenvolveram mais suas capacidades de expressão, comunicação, criatividade, senso crítico e trabalho em grupo.

Os jogos de sentido

Estes foram tirados do livro Jogos para atores e não-atores (Boal, 2008), com o objetivo de levar os alunos a uma experiência de sentir e perceber aquilo que veem, que tocam, que escutam. Assim sendo, foram aplicados os seguintes jogos:

HIPNOTISMO

Hipnotismo colombiano que funciona da seguinte forma: Um ator põe a mão em poucos centímetros do rosto do outro, este, como hipnotizado deve manter o rosto sempre a mesma distância da mão do hipnotizador, os dedos e os cabelos, o queixo e o pulso. O líder inicia uma série de movimentos com as mãos, retos e circulares, para cima e para baixo, para os lados, fazendo com que o companheiro execute com o corpo todas as estruturas musculares possíveis a fim de se equilibrar e manter a mesma distância entre o rosto e a mão.

A mão hipnotizadora pode mudar para fazer, por exemplo, com que o ator hipnotizado seja forçado a passar por entre as pernas do hipnotizador. As mãos do hipnotizador

não devem jamais fazer movimentos muito rápidos que não possam ser seguidos. O hipnotizador deve ajudar seu parceiro a assumir todas as posições ridículas grotescas não usuais: são precisamente estas que ajudam o ator a ativar estruturas musculares pouco usadas e a melhor sentir as mais usuais. O ator vai utilizar certos músculos esquecidos do seu corpo.

Depois de alguns minutos, trocam-se o hipnotizador e o hipnotizado. Depois de alguns minutos, trocam-se o hipnotizador e o hipnotizado alguns minutos mais, os dois atores se hipnotizam um ao outro: ambos estendem sua mão direita, e ambos obedecem a mão um do outro alguns minutos mais, os dois atores se hipnotizam um ao outro: ambos estendem sua mão direita, e ambos obedecem a mão um do outro.



JOÃO BOBO

Pede-se ao grupo que faça um círculo com todos em pé, olhando para o centro. Depois que se incline em direção ao centro sem dobrar a cintura, nem arquear as costas e nem levantar os calcanhares, como a Torre de Pisa. Em seguida, que incline para fora. Que façam a mesma coisa para a esquerda, que façam um círculo no espaço com seus corpos, que se incline para a frente, para a esquerda, para trás, para a direita e para o centro, em seguida, a mesma coisa ao contrário sempre, direita, para trás, esquerda, para a frente, várias vezes. Um voluntário vai ao centro, fecha os olhos e faz a mesma coisa, só que desta vez ele se deixa tombar; todos os outros devem sustentá-lo com as mãos permitindo-lhe inclinar-se até bem perto do chão. Em seguida, devem recolocá-lo novamente no centro, porém ele tombará em uma outra direção sendo seguro sempre por, pelo menos, três companheiros. Ao fim, pode-se ajudar o protagonista a rolar em círculo, pelas mãos dos companheiros, em vez de retorná-lo em direção ao centro.



GANGORRA

Consiste em colocar os atores face a face, sentados no chão. Os atores seguram pelos braços. Não pelas mãos somente, porque fica mais difícil. E se sustentam com os pés colocados no chão muito perto, mas não um contra o outro. Em seguida, um sobe e o outro desce; quando o segundo começar a subir, o primeiro desce como uma verdadeira gangorra.



Esses são apenas alguns, entre outros, que estão presentes no livro de Augusto Boal e foram adaptados para a realidade dos alunos de Portel-PA. Com o desenrolar das atividades, os alunos foram ganhando segurança e se envolveram, permitindo que as dimensões da existência humana vivenciassem tais experiências.

Nas duas aulas seguintes, já se observava a mudança no comportamento dos alunos, eles ainda apresentavam timidez, mas estavam mais dispostos, e esperavam algo novo e legal, como diz o aluno Gustavo Oliveira da Costa em sua relatoria final: “eu não conhecia nada sobre teatro, por isso sempre tive vergonha, mas depois passou, e eu sempre esperava as aulas do professor Aleçandro porque sabia que ia ser legal” (Pesquisa de Campo, 2023). Nas palavras do aluno Gustavo, é possível perceber os efeitos que a prática do teatro produz em quem se dispõe e se entrega para os exercícios. Boal (1982, p. 17) referenda que “a alfabetização teatral é necessária porque é uma forma de comunicação muito poderosa e útil nas transformações sociais”, é como se o aluno Gustavo estivesse sendo alfabetizado na linguagem teatral, e se alegra ao perceber os resultados, como uma criança que se alegra ao ler as primeiras palavras da língua portuguesa (Boal, 1982, p. 17), ainda afirma que “o teatro é uma forma de comunicação entre os homens” (Boal, 1982, p.



17), portanto, conhecer, aprender e vivenciar o teatro é também aprender uma nova forma de comunicação.

As atividades foram voltadas para as técnicas do Teatro-Imagem, portanto, utilizou-se novamente os jogos teatrais do livro de Boal. Jogos como “O espelho simples”, “espelho quebrado”, “mímicas” e “o modelo” foram desenvolvidos com o grupo e se mostraram importantes para o teatro ganhar corpo. Nesta etapa, foram selecionados alguns temas de opressão, como bullying, pobreza e racismo, levantados pelos alunos. Boal (1996, p. 56) destaca que “as imagens contêm, esteticamente transubstanciadas, as mesmas opressões que existem no mundo real que as provocou”.

A turma foi dividida em três grupos, eles deveriam apresentar em forma de imagem o tema sugerido pelo professor enquanto os outros grupos assistiam. No fim, todos falavam, expressando suas opiniões e anseios. A atividade se deu da seguinte maneira: o professor entregou para cada grupo um pequeno texto indutor, com base no tema principal: “Crianças que sofrem bullying adoecem”, inspirado no texto Tudo sobre o bullying nas escolas em 7 tópicos fundamentais (2020); “Pais pobres, mundo triste”, inspirado no texto Pobreza no Brasil (2022); e, “O racismo mata”, inspirado no texto Racismo no Brasil (2020). Cada grupo teve que sentar, reunir e montar uma imagem baseada nesse conteúdo.

Quando um grupo montava sua imagem, os outros grupos ficavam sentados observando, depois da fotografia montada, o professor perguntava o que aquela imagem representava, o que ela falava para os espectadores, os alunos como espectadores descreviam e buscavam se aproximar do conteúdo do grupo, assim aconteceu sucessivamente com os demais grupos.

Neste momento, as atividades se voltaram para a prática da técnica do Teatro-Fórum. Assim sendo, os participantes criaram histórias e cenas curtas de Teatro-Fórum, que são peças interativas que convidam o público a intervir na cena e propor soluções para os conflitos apresentados. A atividade teve como objetivo incentivar a criatividade, a criticidade e a expressão artística dos estudantes, além de promover o trabalho em equipe e o desenvolvimento da linguagem oral e escrita.

Os estudantes tiveram a liberdade de criar as histórias, personagens, conforme os temas de cada grupo. Ao longo do processo de criação, os estudantes foram incentivados a experimentar, arriscar e aperfeiçoar suas narrativas, contribuindo com ideias e sugestões para enriquecer as histórias e torná-las mais envolventes. Desta maneira, os grupos criaram as seguintes histórias:

GRUPO 1 - POBREZA

Em uma cidade conhecida como Portel, havia uma família muito pobre que morava próximo ao lixão, sem nada para comer, todos os dias iam procurar comida no lixão, certa vez, uma das crianças foi acometido por uma infecção e sem dinheiro para comprar os remédios e sem muito recurso, a criança veio a óbito.

A imagem a seguir é o trabalho realizado pelos alunos do primeiro grupo. Na cena, o aluno representa um garoto pobre que veio a óbito, uma imagem muito forte que despertou na turma um debate a respeito da injustiça social.



GRUPO 2 - BULLYING

Um rapaz tímido que estudava na escola Alcides Monteiro, todos os dias sofria Bullying por parte de outros estudantes, chamado de “dente de javali” por conta dos seus dentes que eram desalinhados. O garoto tímido, sem saber o que fazer, vivia chorando e triste pelos arredores da escola.



A imagem a seguir é a concretude do trabalho realizado pelo grupo dois, que tinha como tema o bullying, o aluno na cena está representando o garoto que sofre as consequências do bullying na escola. Este tema é muito recorrente no ambiente escolar e é um dos vários problemas enfrentados pela escola.



GRUPO 3 - RACISMO

Uma cidade chamado Portel, havia um povo muito unido e hospitaleiro, até que um dia um grupo de pessoas chegaram na cidade e começaram a disseminar a ideia de que eles eram melhores, que eram brancos e por conta disso não deveriam se misturar com outras pessoas de cor diferente, assim começaram a formar na cidade um grupo de pessoas brancas conhecidas como os “SEMPRE BELOS” isso gerou revolta na população.



Imagem 8 – Apresentação.



Fonte: Arquivo do autor, 2023.

Os três grupos, ao olharem o cotidiano familiar, escolar ou social, conseguiram construir essas histórias de opressão durante dois encontros. Desta forma, seguiram-se para a terceira etapa, a qual foi a realização das apresentações.

As cenas criadas pelos participantes na etapa dois foram apresentadas para os outros grupos que estavam participando da oficina, gerando debates e reflexões sobre as questões levantadas. O papel do facilitador das oficinas foi o de coordenar as intervenções dos outros estudantes que serviram como plateia, garantindo o respeito e a segurança dos participantes. As apresentações foram registradas em vídeo, fotos e áudio para posterior análise e serviram no processo de avaliação dos alunos.





As apresentações

Como parte da segunda etapa, a oficina começou com a exposição do conteúdo que ia ser trabalhado pelo professor Aleçandro, que explicou tudo como ia acontecer o processo baseado no que já vinha sendo estudado, sendo que a atividade estava ligada agora à técnica do Teatro-Fórum, para tanto, o professor convidou os grupos, cada grupo pegou o seu tema, o mesmo da segunda etapa (pobreza, bullying e racismo). Os grupos tiveram um tempo de 45 minutos para construírem as suas cenas.

A apresentação começou com o grupo que tinha como tema a pobreza, este baseado na cena construída na aula anterior, em que uma família de baixo poder aquisitivo, sem emprego, perdia um filho vítima da fome, apresentou com muita seriedade. Os alunos começaram a caminhar na sala de aula,



gemendo e fazendo movimentos como se estivessem pegando comida do lixão, algumas vezes eles falavam a palavra fome. Todos caíram no meio da sala, e uma personagem começa a chorar com dores, então abre-se um diálogo entre o pai e a mãe, eles relatam que não possuem dinheiro para comprar remédio e assim se abraçam, e o garoto falece nos braços da mãe. Em seguida, o professor, como coringa, abriu espaço primeiro para o debate, fazendo perguntas e incentivando os alunos a discorrerem sobre o assunto.

Os alunos não hesitaram em responder, e muitos levantaram a mão para fazer alguma colocação, alguns alunos falaram que era uma realidade da nossa cidade, Carla Almeida disse: “professor, isso acontece aqui em Portel, se formos lá na estrada vamos encontrar muitas famílias no lixão”. Já Akiris Nonato de Almeida relatou: “Prof.. o que foi apresentado acontece no dia a dia de muitos portelenses”, outros falaram da responsabilidade que o poder público tem e que por vezes se isenta de tal realidade, eles também discorreram do compromisso da comunidade, a sociedade possui culpa, visto que não somos capazes de cobrar melhorias. O professor abriu o espaço para os alunos construirmos novas ideias, para que modificassem a cena de forma que a família carente vítima da fome tivesse novas perspectivas de vida. Um dos alunos deu a seguinte ideia, todos que estavam na sala de aula eram parte da história e cada um doasse uma cesta básica para a família não passar fome. Em seguida, outro aluno deu outra ideia, que complementava a primeira ideia, depois das cestas, que eles, enquanto moradores, formassem uma equipe para cobrar do prefeito emprego para a família. Este momento foi riquíssimo de argumentos e debates, e assim finalizamos o trabalho da primeira equipe. Em seguida, fomos para a apresentação do segundo grupo.

Esta outra equipe falou do bullying na escola. O processo de preparação seguiu o mesmo processo da primeira equipe. Os estudantes tiveram um período de tempo para ensaiar e montar a cena consoante à história que haviam criado. Um aluno tímido sofria bullying por parte de outros colegas de classe e, sem ter a menor orientação, apenas chorava. Após a apresentação, novamente o professor abriu espaço para os debates e observações dos alunos, novamente foi muito bem discutido pelos alunos, a aluna Carla Almeida levantou e disse que “esses fatos acontecem em todos os lugares, inclusive dentro da nossa sala de aula”, e o aluno Carlos Eduardo Gomes Caldas disse que “é um assunto sério, mas que na maioria das vezes a escola não dá total importância”. Após este momento de debate, o professor abriu espaço para as modificações da cena, novamente Carlos Eduardo imediatamente se levantou e disse que resolveria a situação, então o professor permitiu que entrasse na cena, disse querer



ser o irmão do agredido, então assim ele entrou na cena e pegou uma cadeira e chegou perto dos agressores e falou alto: “se vocês mexerem com meu irmão novamente eu vou dar umas cadeiradas em vocês”. Houve um instante de silêncio, depois ele disse: “é só teatro pessoal!”, e sorriu.

O professor entrevistou, deixando aberto para o debate, o coringa perguntou para os alunos se a atitude do personagem irmão era correta, alguns alunos acharam que não, os que achavam que sim tentavam justificar com a ideia de que defenderiam o irmão a todo custo, mesmo que fosse preciso usar de agressão, a outra parte da turma optava pelo diálogo, dizendo ser errado, visto que é preciso recorrer às autoridades da escola.

Sendo assim, depois de um breve debate, o professor que fazia o papel de coringa fez a mediação dizendo que, no Teatro do Oprimido, a ideia não é resolver um problema de agressão com outra agressão, mas sim encontrar soluções justas e pacíficas. Então, a aluna Aryella Vilarinho da Costa disse ter uma ideia, ela pegou outro aluno e disse que seriam os pais do aluno que sofria bullying, os dois entraram na cena e conversaram com uma postura de pais intervindo a ação do opressor, em seguida pegaram o filho (aluno oprimido) e se dirigiram para a secretaria. Desta maneira, foram terminadas as apresentações dos dois primeiros grupos.

Dia 17/11/2023 aconteceu a apresentação do grupo três, que tinha como tema o racismo e que contava a história do grupo de pessoas brancas que, ao chegarem na cidade de Portel, se consideravam melhores, os alunos apresentaram de forma bem objetiva causando até revolta em alguns alunos que assistiam. A cena aconteceu da seguinte forma, um grupo de alunos entrou na sala de aula conversando em voz alta, dizendo serem bem mais bonitos que os outros moradores daquele bairro, assim destacavam a cor da pele, os olhos e cabelos.

Outro grupo de alunos, representando as outras pessoas, entrou na cena, e nesse momento o grupo que se achava melhor começou a deferir ofensas e tratar as pessoas com racismo, com isso surgiu a ideia no grupo de perseguir as pessoas pretas e pardas, mas um dos racistas acaba virando fanático e bate em uma pessoa negra. A cena termina e o coringa trouxe o debate onde novamente os alunos se mostraram indignados e puderam contribuir, expressando seus pensamentos, é interessante destacar como a cena mexeu com os alunos a ponto de uns ficarem bem animados com o debate, e outros bem revoltados, como o aluno David Freitas Neres que no momento de sua fala disse que “não pode acontecer esse tipo de coisa na sociedade, visto que somos todos iguais”, outros discorreram para uma reflexão mais religiosa, na qual observaram que “perante Deus somos todos iguais, que não existe melhores nem piores”, assim discorreu a aluna Késia Oliveira.

Depois de muito diálogo, o professor coringa abriu o espaço para os alunos apresentarem suas ideias para modificar a cena. David de F. Neres deu a ideia de montar um grupo de pessoas negras e, com violência, expulsar o grupo de brancos da cidade. Mais uma vez o professor entrevistou, mostrando para os alunos que no TO não se resolve uma opressão com outra opressão, Letícia Samily Gama da Costa propôs a ideia de buscar a solução nas leis brasileiras e denunciar este grupo por racismo e em seguida fazer um trabalho de sensibilização com o grupo e também com a comunidade. Desta forma, os grupos finalizaram todas as apresentações.

Através da técnica do Teatro-Fórum, foi possível observar que os alunos são desafiados a refletir e encarar as realidades opressoras, por vezes ocultas, mascaradas, no entanto, presentes nas suas vidas. Quando se nota nos semblantes dos alunos a indignação causada pelas cenas apresentadas, no debate realizado por eles e nas propostas lançadas, se entende que foi apertado o gatilho que os leva a uma profunda consciência de realidade, assim sendo, entende-se também que o Teatro-Fórum está surtindo grandes efeitos.





TEATRO DO OPRIMIDO: O Despertar da Resistência

Um dos pontos mais significativos foi a oportunidade de vivenciar a empatia e a solidariedade, ao assumir diferentes papéis e perspectivas nas encenações. Isso permitiu uma maior compreensão das diferentes realidades e desafios enfrentados pelos colegas e uma maior sensibilidade para questões de injustiça e desigualdade que aparecem nos seus cotidianos.

Além disso, as oficinas também proporcionaram um espaço seguro para a expressão de emoções e pensamentos, promovendo o fortalecimento da autoconfiança e autoestima dos alunos. Através do teatro, eles puderam experimentar novas formas de se comunicar e se relacionar com os outros, ampliando suas habilidades sociais e interpessoais.



Outro aspecto significativo foi a possibilidade de engajamento em ações de transformação social e política na escola, a partir das reflexões e debates provocados pelas atividades teatrais. Os alunos foram estimulados a pensar em estratégias de resistência e mudança, buscando formas de combater a opressão e a discriminação presentes em suas vidas e na sociedade como um todo. Desta forma, os estudantes muitas vezes apontavam ideias e pensamentos de justiça, dentro da própria escola, como, por exemplo: não aceitar ficar em uma sala quente com a central quebrada, reclamar para o diretor sobre a merenda da escola que não mudava de cardápio etc.

Em resumo, as oficinas de Teatro do Oprimido foram significativas para os alunos, por proporcionarem um espaço de reflexão, diálogo e transformação, promovendo o desenvolvimento pessoal e coletivo, a empatia, a solidariedade e o engajamento político e social. Essas experiências certamente deixarão marcas profundas nos participantes, que poderão levar consigo os aprendizados e as vivências para suas vidas e relações.





Considerações Finais

As oficinas de Teatro do Oprimido na escola foram uma experiência enriquecedora tanto para os participantes quanto para o professor. Os participantes puderam expressar suas vivências, sentimentos e opiniões sobre temas relevantes para a sua realidade escolar, além de desenvolver habilidades artísticas, sociais e críticas. O professor conseguiu observar o potencial educativo e transformador do Teatro do Oprimido de Boal, bem como os desafios e limites dessa metodologia. Já para os alunos, observou-se que foi uma experiência enriquecedora que mexeu com as estruturas do ser político, social e emocional, até então ofuscado dentro das suas vidas. E mais que isso, percebe-se que os alunos não são mais os mesmos, algo mudou dentro deles, alguma coisa aconteceu. As oficinas de Teatro do Oprimido tiveram um impacto significativo nos alunos, pois possibilitaram um espaço de reflexão e transformação, tanto individualmente como coletivo.

Esperamos que essa experiência possa contribuir para a construção de uma escola mais democrática, inclusiva e emancipadora, que se utilize da prática do Teatro do Oprimido ou até mesmo do Teatro como um todo, visto que, por meio da prática, os alunos consigam explorar mais a potência artística que existe neles. É interessante deixar registrado que nem tudo que foi pensado ou planejado aconteceu como tal, a escola não possui um espaço adequado para os momentos, na prática, outras vezes usavam-se os horários da disciplina Arte para realização de encontros pedagógicos, reuniões e outras atividades desse nível. Muitas vezes a energia na escola ou na sala de aula não colaborava, levando conseqüentemente à mudança de planejamento.

Com isso, a prática do Teatro do Oprimido com os alunos da Escola Alcides Monteiro nos mostra que não apenas capacita os estudantes a serem pessoas críticas, ou agentes de mudanças, mas também os leva a uma transformação de vivência, onde um aluno passivo dá lugar a um aluno mais consciente da sua realidade, um estudante mais solidário e engajado com o mundo ao seu redor.



Referências

AUGUSTO Boal e Teatro do Oprimido. 9 ago. 2022. 1 vídeo (47 min. 36 s.). Publicado pelo canal Centro de Teatro do Oprimido. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VE48YJ767kQ>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BOAL, Augusto. **200 Exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 11 ed.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BOAL, Augusto. **La estética del oprimido: reflexiones errantes sobre el pensamiento desde el punto de vista estético y no científico**. 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Interzona Editora, 2016.

BOAL, Augusto. **O Arco-íris do desejo: Método Boal de teatro e terapia**.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. 6. ed.

Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 10 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 15 jun. 23.

CIECOSK, Altair Sofientini. O teatro do oprimido e A corda: interfaces entre a estética teatral de Augusto Boal e a obra de Pepetela.

Revista Tabuleiro de Letras, v. 16, n. 2, p. 120-129, jul./dez. 2022.

CRIADOR do Teatro do Oprimido, Augusto Boal completaria 90 anos. 16 mar. 2021.

1 vídeo (4 min. 38 s.). Publicado pelo canal Brasil de Fato. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=cqk_ibgff40. Acesso em: 9 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.**

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor.

Tradução de Adriana Lopes, revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995.

HERGÓN, Israel. Teatro Social en Latinoamérica [3ª parte: Teatro del Oprimido I]. **Israel Hergón**, 28 mar. 2013.

Disponível em: <https://israelhergon.com/2013/03/teatro-social-en-latinoamerica-3a-parte/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados – Portel - IDHM. **IBGE**, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/portel.html>.

Acesso em: 20 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados – Portel - População. **IBGE**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/portel.html>.

Acesso em: 20 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Portel – Panorama.

IBGE, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/portel/panorama>. Acesso em: 14 dez. 2023.



KRAFTA, Lina *et al.* O método da pesquisa-ação: um estudo em uma empresa de coleta e análise de dados. **Revista Quanti & Quali**, 2007. Disponível em: https://posgraduacao.faccat.br/moodle/pluginfile.php/1725/mod_resource/content/0/09pesquisa_acao_2009_1.pdf. Acesso em: 18 ago. 2023.

ORTOLAN, Edson Tadeu. **História do teatro**. 2. ed. Joinville: Clube de Autores, 2020. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=j5PtDwAAQBAJ&printsec=frontcover&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 14 out. 2022.

POBREZA no Brasil. **Mundo Educação**, 2022. Disponível em:

<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/a-pobreza-no-brasil.htm>. Acesso em: 25 set. 2023

RACISMO no Brasil. **Mundo Educação**, 2020. Disponível em:

<https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/racismo-no-brasil.htm>.

Acesso em: 25 set. 2023.

SILVA, Antonio Carlos Barbosa da; SILVA, Maria Coimbra Casadei Barbosa da; NASCIMENTO, Cleyton Monteiro. O adolescente resignificando seu lugar na sociedade contemporânea: o Teatro do Oprimido como ferramenta psicoeducativa. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, Florianópolis, v. 9, n. 1, 2014.

SILVA, Flávio José Rocha da. Uma História do Teatro do Oprimido. **Aurora: Revista de Arte, Mídia e Política**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 23-38, fev.-mai. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/viewFile/17313/14298>. Acesso em: 10 out. 2018.

SILVA, Ivone Ferreira da; SANTOS, Katiane dos. Teatro do Oprimido:

A arte de libertar os sujeitos. **Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor PDE**, Artigos, 2016. Cadernos PDE, volume I.

SOUZA, Ana Inês. **Pensando com Paulo Freire**. Guarema: Escola Nacional Florestan Fernandes, 2012.

TELLES, Narciso. **Ensino do teatro: espaços e práticas**.

Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443- 466, set./dez. 2005.

TUDO sobre o bullying nas escolas em 7 tópicos fundamentais. **Educamundo**, 29 dez. 2020. Disponível em:

<https://educamundo.com.br/blog/tudo-sobre-bullying-escolas/>.

Acesso em: 25 set. 2023.





PROPESP

Pró-Reitoria de Pesquisa
e Pós-Graduação | UFPA

PPG Artes

Programa de Pós-graduação
em Artes da UFPA

Prof-Artes

Mestrado Profissional em Artes

ICA

INSTITUTO DE
CIÊNCIAS DA
ARTE UFPA



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO